

Minhas senhoras e meus senhores,

A Revolta dos Marinheiros de 8 de Setembro de 1936 insere-se num movimento internacional mais vasto que se iniciou no princípio do Século XX em diversos países.

As crises militares a nível mundial na primeira metade do século XX ocorreram com maior frequência nas forças navais:

- REVOLUÇÃO DO COURAÇADO POTESKIN (1905) - Mar Negro (Odessa);
- REVOLTA DA ESQUADRA BRASILEIRA (1910): por melhores condições de vida e abolição dos castigos físicos.
- REVOLTA DA ESQUADRA AUSTRO-HÚNGARA do Adriático (1918) contra a guerra
- ESQUADRA ALEMÃ (1918) – contra a continuação da guerra já perdida Foi o ponto de partida da revolução que acabará com o Império e proclamará a República
- ESQUADRA FRANCESA (1918/19): Mar Negro contra a participação na guerra contra a Rússia Soviética.
- REVOLTA DE KRONSTADT (1921): Marinheiros soviéticos contra aspectos que estava a tomar a revolução bolchevique.
- REVOLTAS DA ESQUADRA CHILENA (1925 e 1931)
- GUERRA CIVIL DE ESPANHA – pela primeira vez os papéis invertem-se. Em 1936 os marinheiros revoltam-se em defesa do Governo Republicano Democrático.

Como explicar a recorrência dos movimentos sociais dos marinheiros? Cada revolta naval tem as suas características e elementos detonantes próprios.

A eclosão da revolta dos marinheiros no dia 8 de Setembro de 1936, integrantes da Organização Revolucionária da Armada, surge num contexto de afirmação concreta e definitiva da ditadura fascista encabeçada por Salazar em Portugal que se vinha

concretizando no primeiro semestre desse ano, correspondendo aos ecos internacionais do momento.

Se, por um lado, eram cada vez mais sombrias as perspectivas mundiais de evolução do fascismo designadamente nas suas faces mais visíveis da Alemanha e da Itália que antecipavam já a II Guerra Mundial, por outro lado as vitórias eleitorais das Frentes Populares em França e em Espanha em 1936 vinham concretizar o caminho no objectivo central das forças democráticas no mundo de luta contra o fascismo.

Assim, sendo a Organização Revolucionária da Armada uma organização com uma ideologia e constituição associadas ao Partido Comunista Português, foi tomada a decisão de avançar com um movimento de protesto que culminava já um amplo processo reivindicativo contra as arbitrariedades de diversa ordem cometidas no seio da Armada portuguesa.

Na verdade, coube justamente aos sectores *inferiores* da hierarquia da Marinha (grumetes, 1.ºs marinheiros) essa iniciativa, consubstanciada pelo controlo dos navios *Dão*, *Afonso de Albuquerque* e *Bartolomeu Dias* que correspondiam aos de maior adesão nas tripulações à ORA e de mais ampla difusão do seu órgão *O Marinheiro Vermelho*.

Como objectivos finais, os valorosos marinheiros pretendiam dirigir um ultimato a Salazar no sentido de os seus direitos serem satisfeitos e de serem terminadas as perseguições e libertados os presos políticos, projectando-se colocar os navios a salvo fora da barra e usando o poder de fogo das embarcações.

Após algumas horas, a revolta foi debelada pelo regime fascista que antecipadamente teve acesso aos planos dos revoltosos, conseguindo desactivar o potencial bélico das embarcações e ordenando o bombardeamento a partir dos Fortes de Almada e do Alto do Duque que atingiu violentamente os navios *Dão* e *Afonso de Albuquerque*.

A revolta saldou-se por doze marinheiros mortos, 208 marinheiros presos e demitidos, a que se juntam a prisão de 30 marinheiros ainda antes da sua eclosão. Foram condenados 82 revoltosos: 44 foram enviados para Angra do Heroísmo, 4 para Peniche e 34 enviados no conjunto dos primeiros 150 detidos no ignóbil Campo de Concentração do Tarrafal em Cabo Verde, onde muitos arcaram com penas entre os 16 e os 20 anos de prisão política. Com eles foram também revoltosos do Movimento de 18 de Janeiro de 1934.

A inauguração do Campo de Concentração do Tarrafal, criado por Decreto em Abril de 1936, foi acelerada com a revolta dos marinheiros. Criado com a ideia premeditada de liquidar os presos mais combativos e mais responsáveis e, por isso, destinado a quebrar o espírito de resistência, o Campo do Tarrafal adequava-se muito bem aos revolucionários do 8 de Setembro. Os marinheiros constituíram 1/5 dos seleccionados pelo fascismo para a inauguração do Campo de Concentração do Tarrafal, o qual – e não sem razão – passaria à história como Campo de Morte Lenta, prisão onde centenas de presos antifascistas foram sujeitos à tortura permanente e 32 deles assassinados.

Como se veio a verificar e os próprios marinheiros concluíram posteriormente, a revolta não podia ter triunfado, mas granjeou a admiração e o exemplo para a luta contra o fascismo em Portugal e no Mundo.

Em síntese pode-se concluir que a REVOLTA DOS JOVENS MARINHEIROS teve como motivo imediato a reintegração e libertação de camaradas, foi influenciada pela situação dos marinheiros, pela Guerra Civil de Espanha, pelo movimento comunista, e por mais factores de uma época conturbada. A revolta dos marinheiros, além do seu carácter de explosão de ódio ao fascismo, teve o mérito de revelar o descontentamento dos marinheiros, parte integrante do nosso povo, que ao fascismo salazarista votava profundo ódio. Desmontou ainda a mentira fascista de que a

Marinha estava com o governo, o que, na época e no contexto geral da política de Salazar, abriu uma boa brecha.

Pese embora um planeamento deficiente e algum voluntarismo, o 8 de Setembro não deixa de ter o valor que lhe imprimiram os jovens marinheiros que corajosamente ousaram lutar pelos seus direitos, e que por esse acto sofreram na pele uma cruel repressão.

Assim, constituindo-se como um exemplo de coragem, abnegação e dedicação com a própria vida à luta contra o fascismo em Portugal, os marinheiros deram o seu contributo para a restituição da liberdade no País, justamente num período em que o fascismo português patenteava força e apoios a nível internacional.

Por isso, o seu exemplo de luta deve ser lembrado e enaltecido como um contributo que criou amplas perspectivas de desenvolvimento e fortalecimento do combate pela Liberdade. Lembrar esse acto de coragem é o mínimo que, numa altura em que os valores da pátria são esquecidos por muitos, podemos fazer para honrar a sua memória.

Honra e glória aos que derramaram o seu sangue no dia 8 de Setembro de 1936! Viva Portugal!